

## A “Lógica Poética” de Vico, o Nascimento da Estética

Patrícia Tavares da Costa (Bolsista UFU)

Orientador: Humberto A .O. Guido

É na Modernidade que a Estética surgiu como um estudo sistemático, um tratado das percepções do sujeito, apresentando a função da obra de arte. Pode parecer contraditório, mas, em um período de revigoração da produção artística, como foram os séculos XVI e XVII, a Filosofia do período pouca atenção deu ao estudo sistemático das belas artes. Este desinteresse pelas obras de arte pode ser explicado pela influência do pensamento cartesiano, que fazia restrições às artes, porque somente as idéias matemáticas poderiam contribuir de alguma forma para o conhecimento humano.

A filosofia do século XVII não levou em conta as profundas mudanças ocorridas no estatuto da arte renascentista, que introduziu a harmonia matemática na produção artística, seja na música seja na pintura.

A censura feita por Descartes à imaginação acarretou de imediato o afastamento do âmbito da crítica filosófica toda produção humana marcada pelo verossímil. As artes passaram a ser consideradas como meros objetos de deleite, sem nenhuma contribuição para a emancipação do entendimento humano. Este período supervalorizava a razão abstrata ao mesmo tempo que desprezava tudo aquilo que não se enquadrava no critério de verdade expresso pelas idéias claras e distintas. Portanto, a imaginação e a fantasia — peculiares à criação artística, eram faculdades que levavam o intelecto ao erro, logo, deveriam ser banidas da mente humana em favor de um raciocínio matematizante.

Somente no século XVIII as belas artes recuperaram o prestígio, passando a merecer a atenção dos filósofos. A arte desde o Renascimento não era mais o ideal de *mimeses* do mundo antigo. Para os modernos, a arte estava assumindo uma conotação maior que a mera imitação da natureza, a obra de arte era a construção do sujeito, o conceito de imaginação passou a ser repensado, assumindo o significado de força criativa que se contrapunha à imitação em sua tentativa impotente de reproduzir a natureza.

Neste novo contexto, a arte está para o verossímil assim como a filosofia está para o verdadeiro. Embora a arte não seja uma verdade filosófica, ela é a representação sensível, é a manifestação original do sujeito, revelando a razão em um estágio original, dominado pela percepção e pela imaginação.<sup>1</sup>

Nenhum filósofo moderno havia, até então, valorizado tão bem e conscientemente as manifestações artísticas como Giambattista Vico, filósofo italiano que viveu entre 1668 e 1744, que considerou a arte como criação e não mais como imitação da natureza. Suas idéias estéticas estão vinculadas à análise do mito.

Vico não utilizou a palavra Estética, valendo-se em seu lugar da Poesia, forma privilegiada para representar todas as manifestações subjetivas do espírito e anteriores à racionalidade plena. A percepção e a imaginação são faculdades anteriores ao raciocínio, mas que permanecem sempre como as bases necessárias para a

verdade filosófica.

Do que foi exposto acima podemos constatar as três grandes faculdades da mente humana apresentadas por Vico: percepção, imaginação e raciocínio. As três faculdades correspondem a três momentos da história, bem como às três idades fundamentais do indivíduo. A história cíclica concebida por Vico compreende a Idade dos Deuses, a Idade dos Heróis e a Idade dos Homens, as duas primeiras correspondem à Barbárie da humanidade como também estão em relação direta com a infância e adolescência do indivíduo singular.

A fantasia está presente com maior intensidade na primeira Idade, assim como ela é mais vigorosa durante a infância e a adolescência. Embora sejam de naturezas distintas, a fantasia e a reflexão constituem-se em dois momentos da razão, sendo a fantasia uma das características da razão em seu nascimento. Vico se referiu à fantasia e ao raciocínio da seguinte maneira: *“A fantasia é tanto mais robusta quanto mais débil é o raciocínio.”* E acrescenta *“O mais sublime trabalho da poesia é dar sentido e paixão às coisas insensatas”* (Ciência Nova: 91).

Vico considerou o homem em sua dimensão total: o ser racional que é inteligência e também imaginação. O homem de inteligência é o filósofo e o homem de imaginação é o poeta-criador do mundo social. Para Vico a arte é a primeira forma de conhecimento, expressão natural do estágio pré-reflexivo da mente humana. No entanto, a arte perpetua-se, tendo sua existência ao lado da ciência e da filosofia, participando com estas do desenvolvimento da verdade sobre o homem. Nas palavras do Croce.

*“Sob o aspecto filosófico, a Ciência Nova, por essa preponderância que tem de indagar as formas individualizantes e em especial a fantasia (a doutrina dos primeiros povos como poetas e do seu pensar por caracteres poéticos é, nos diz Vico, “a chave mestra” da obra), se poderia não muito paradoxalmente definir uma filosofia do espírito com particular atenção à filosofia da fantasia, isto é à Estética”* (1980: 50).

Mesmo admitindo que a capacidade da fantasia nunca alcançará a dimensão do raciocínio abstrato, notamos da parte de Vico um profundo interesse para com a fantasia, não somente por vê-la como a base da reflexão filosófica, mas por apresentar um argumento pouco explorado pela filosofia da época: o reconhecimento da importância do verossímil. A arte em Vico deixou de ser a imitação para constituir-se no processo de criação, que nos inícios da civilização, foi a expressão da sabedoria dos tempos obscuros através dos mitos. Mais uma vez recorremos à Croce.

*“A Estética pode ser considerada verdadeiramente uma descoberta de Vico: mesmo com as reservas que necessárias que circundam todas as determinações de descobertas e de descobridores, e quanto mais o fato de Vico não tratar a Estética em um livro especial, nem lhe desse o nome afortunado com o qual devia batizá-la, algumas décadas mais tarde, Baumgarten. De resto, vale notar que na terminologia da Ciência Nova se encontra um nome similar a alguns dos equivalentes que Baumgarten passava em resenha para a formulação do conceito de Estética”* (1980: 50).

Enquanto ciência generalizante a *Ciência Nova* traz a formulação de um novo domínio conceitual que é a Estética moderna, através de uma nova arte crítica que compreende a análise filosófica da autoridade — entendida como autoria — dos poetas — e estes como os criadores do mundo civil das nações. Note-se que Vico quer ser reconhecido por estar fazendo uma ciência que valoriza o sujeito na filosofia, mas também, na mesma proporção, as exteriorizações deste sujeito, sendo a arte o elo principal desta evolução do espírito.

A investigação de Vico incidiu sobre os tempos obscuros e o seu objetivo foi o estudo da sabedoria poética, que ainda não é uma sabedoria reflexiva, mas é o ponto de partida para a emancipação do entendimento. A principal característica dos tempos obscuros é a consciência poética, que se projeta sobre a natureza, e desta maneira humaniza a natureza. Nesta perspectiva a poesia primitiva foi o primeiro empreendimento de humanização do homem. Assim expresso por Vico.

“Os homens ignorantes das causas naturais que produzem as coisas, quando não podem explicá-los nem mesmo por coisas semelhantes, eles dão à essas coisas a sua própria natureza, como o vulgo, por exemplo, diz que o ímã está enamorado pelo ferro” (*Ciência nova*: 90).

Vico dizia que “os primeiros homens da gentildade, simples e rudes, por forte engano de robustíssimas imaginações, totalmente atravancadas por medonhas superstições, acreditaram realmente ver os deuses na Terra. Os gentios erigiram os primeiros altares do mundo no primeiro céu dos poetas, os quais, em suas fábulas, nos transmitiram fielmente que o céu reinou na Terra sobre os homens e deixou grandes benefícios ao gênero humano, no tempo em que os primeiros homens, como crianças do nascente gênero humano, acreditavam que o céu não ficasse acima da altura dos montes” (CN: 5).

A citação acima demonstra a proximidade entre a poesia primitiva e a idéia do sagrado, típico das religiões pagãs, que deixam bem claro que os deuses dessas religiões foram produzidos pela mente dos primeiros homens, sendo que o sagrado é o mistério da obra-prima dos homens bárbaros, caracterizados da seguinte maneira por Vico. “(...) todos de robustíssimos sentidos e de vastíssimas fantasias; e por isso mesmo, que não tendo outra coisa senão a faculdade, essa também estúpida e aturdida, de poder usar a mente e a razão humana (...)” (*Ciência Nova*: 6).

Portanto, Vico não negou a dimensão racional às construções mito-poéticas, nascidas, como já dissemos, da debilidade do raciocínio e do vigor da fantasia. As fábulas antigas, da mesma maneira que a obra de arte (Vico nos falava da poesia), são testemunhas históricas do tempo em que foram produzidas. A poesia é produzida tendo em vista eternizar determinadas circunstâncias, levando o espectador a reviver o momento, não sendo necessário estar na presença do monumento do passado, mas utilizando a memória é, portanto, fundamental tanto na produção quanto na apreciação do belo.

“Nas crianças é vigorosíssima a memória; então é vivida ao máximo a fantasia, que outra coisa não é que a memória dilatada e composta. Estas imagens poéticas que deveriam formar o primeiro mundo infantil” (CN: 96).

Os juízos analíticos, muito apropriados para a investigação do mundo natural, não se mostram eficientes para a investigação da natureza humana, que não é apenas uma substância pensante, ela é também as vontades, as sensações, em uma

palavra: subjetividade, que se expressa por intermédio de metáforas e outros símbolos, cuja elaboração não leva em conta, necessariamente, os preceitos do raciocínio matemático. Mais uma vez recorremos ao perfil do poeta, traçado por Vico.

“(...) os primeiros povos da gentildade, por uma demonstrada necessidade de natureza, foram poetas, e falaram por intermédio de caracteres poéticos (...) porque tal natureza poética de tais primeiros homens, para nossas naturezas civilizadas, ela é de fato impossível de ser imaginada e com grande pena nos é permitido de entender” (CN: 26).

A interpretação da obra de arte deve obedecer a lógica da criação poética, isto é, como o resultado da percepção e da imaginação do poeta. Isto quer dizer que a lógica da percepção estética é também poética e nos leva a penetrar nos estágios iniciais da razão, encontrando nas construções mito-poéticas as primeiras representações da verdade sobre o que é o homem.

A lógica poética de Vico foi a reação ao ambiente cultural do séc. XVIII, marcado pela abstração que manifesta-se também na arte, cujo resultado era o esgotamento do modelo humanista renascentista, que somente depois da instauração da Estética do séc. XVIII, voltou a recuperar o seu brilhantismo a partir do Romantismo.

Portanto, ao abordar a possibilidade do discurso estético na obra de Vico estamos adentrando à crítica da Modernidade, elemento de ligação entre o pensamento contemporâneo que deu nos desdobramentos à essa crítica, sendo que ambos se complementam na perspectiva de um novo discurso filosófico.<sup>2</sup>

O nosso trabalho de pesquisa aponta nesta direção, pretendemos seguir pesquisando o texto da Ciência Nova, particularmente o livro segundo “Da Sabedoria Poética” para confirmar a nossa hipótese, segundo o qual Vico foi um dos precursores da estética, entendida como ciência do belo. A formação de Vico foi também uma primeira crítica as limitações dos juízos analíticos e à metafísica especulativa.

## BIBLIOGRAFIA

- AUERBACH, Eric. *Figuras*. São Paulo: Ática, 1996.
- BANFI, Antônio. *Filosofia del arte*. Barcelona: Edicions 62, 1987
- BASTOS, Fernando. *Panorama das idéias estéticas no Ocidente II*, do Renascimento a Kant. Brasília: Editora UnB, 1986.
- BERENSON, Bernar. *Estética e História*. (Coleção Debates) São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BERLIM, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. (Coleção Debates) São Paulo: Perspectiva, 1975.
- COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de história*. Tradução de Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
- CROCE, Benedetto. *La Filosofia di Giambattista Vico*. 4 ed. Bari: La terza, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Breviário de estética*. Ática, 1996.
- Eco, Umberto. *Obra Aberta*. 2 ed. (Coleção Debates) São Paulo: Perspectiva, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas*. 5 ed. (tradução salma T. Muchail) São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- GUEROULT, Martial. Le probleme de la legitimité de l'histoire de la philosophie. In: *La philosophie de ' histoire de la philosophie*. Paris: Aubier Montaigne, 1984.
- GUIDO, Humberto. *A linguagem poética em Vico, a construção do conhecimento*. (Dissertação de Mestrado). Campinas: UNICAMP/FE, 1994.
- LANGER, Susanne K.. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- OSBORNE, Harold. *Estética e teoria da arte*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1983.
- TATARKIEWICZ, Wladislaw. *Historia de seis idéias, arte, beleza, forma, criatividade, mímeses, experiência estética*. Madrid: Technos, 1990.
- Vico, G. *Principj di scienza nuova*. Milão: Rizzoli, 1988.

#### NOTAS

1. De acordo com Vico a criação artística traz em sua essência a racionalidade passiva das vontades e paixões humanas.
2. A este respeito é oportuno registrar a teoria crítica de Marx e Horkeimer e os escritos de Adorno.